

**SCHEJTMAN, Fabian – Encadeamentos e Desencadeamentos da
Angústia. Revista Curinga, n° 22, jun-2006, EBP-MG.**

por Eliane Costa Dias

Para discutir o tema proposto no título, Schejtman retoma o caminho que vai da histeria de angústia à fobia, apresentado por Freud no cap. IV de *O Inconsciente (1914-1915)* e retomado por Lacan no *Seminário IV – A relação de objeto (1956-57)*:

O primeiro tempo (ou “tempo zero”) – seria o que Lacan chama no sem. IV de “tempo do paraíso”, ou “tempo do engodo”, o paraíso de felicidade inicial do pequeno Hans. Um tempo em que a criança partilha com a mãe a ilusão de poder ser o falo que a completa – “Eu te completo!”. Como falo da mãe, a criança está em uma posição de criança completa, de falo imaginário (ϕ).

Num segundo tempo, a angústia surge diante de algo que não se sabe o que é. Lacan alerta que não se trata de uma angústia sem objeto, mas de uma angústia diante de algo que não tem nome.

No terceiro tempo, há a angústia ligada a uma representação ou, como diria Lacan, a um único significante. Como em Hans, a angústia diante de “cavalo”.

Num quarto tempo, se repete a manobra o tempo anterior, mas uma outra representação se segue ao cavalo. Já não se trata de uma angústia diante de cavalos, mas do medo de um determinado tipo de cavalo. Somente nesse momento constitui-se a fobia.

Schejtman destaca a forma como Lacan explica a passagem do “tempo do paraíso” para o segundo tempo, do surgimento da angústia. No pequeno Hans, “é o surgimento do pênis real que perturba a estabilidade da estrutura” (p. 56). Ou seja, o encontro com o real é o que desestabiliza a ilusão de ser o falo imaginário. Como afirma Lacan no sem. IV, a eclosão do “pênis real” introduz o confronto com uma impossibilidade. Não se pode, ao mesmo tempo, ter o pênis real e ser o falo da mãe. Ou se tem, ou se é.

No primeiro tempo, “o tempo do paraíso”, o sujeito não se encontra com o enigma da falta e do desejo do Outro. Ele é o objeto que tampona a falta – ϕ . “Quando aparece esse elemento do real, abre-se a dimensão angustiante do desejo do Outro: ‘O que sou eu para o Outro?’ Surge um gozo estranho” (p. 57).

Schejtman propõe que no sem. X – *A Angústia (1962-63)* encontramos duas possibilidades para a angústia: - uma primeira versão de que ela surge diante da falta do Outro; uma outra possibilidade, de que ela surja diante da falta dessa falta, ou seja, diante da presença do *objeto a*. No caso do pequeno Hans, o “pênis real” seria o objeto a, esse objeto que se faz presente, um

“objeto real” que põe por terra a identificação do menino com o falo imaginário materno.

Partindo dessa distinção localizada no sem. X, o autor vai buscar no sem. XVI – *De um Outro ao outro* (1968-69), o comentário de Lacan sobre um outro caso de fobia – *Um caso de fobia de galinhas* – relatado por Hélène Deutsch.

Comparando a análise feita por Lacan do caso do pequeno Hans e do caso da fobia de galinhas, Schejtman sustenta a diferenciação entre: a angústia ligada ao desejo do Outro, ao enigma do desejo do Outro; e a angústia ligada ao gozo do Outro. Segundo o autor, em Hans, o desencadeamento da angústia se dá quando este não suporta mais ser o falo da mãe e se confronta com a enigmática pergunta sobre o desejo do Outro. No caso da fobia de galinhas, a criança não se encontra com um Outro barrado, mas com a certeza de que o Outro quer gozar dele.

“No segundo caso, não se trata de não saber o que o Outro quer. Sabe-se exatamente o que o Outro quer, e esse é o contraponto desse caso com o caso Hans. No caso relatado por Hélène Deutsch, não se trata da vacilação de um fantasma, mas de sua realização. É o gozo do Outro que se presentifica, podendo-se situá-lo sob a perspectiva do traumático na neurose. Em ambos os casos, porém, o percurso é aquele que vai do paraíso ao desencadeamento da cena traumática. E, quando se chega a esse ponto, a essa perda, não há retorno”. (p. 59)

O autor segue, precisando ainda mais o que seriam essas duas modalidades de angústia. Percorrendo o sem. XXII – *RSI* (1974-75), *A Terceira* (1974) e o sem. XXIII – *O Sinthome* (1975-76), propõe a existência de duas versões de angústia em Lacan:

1ª) A angústia-sintoma:- uma angústia que é desencadeamento, angústia que aparece como sintoma quando fracassa o trabalho do inconsciente. Sintoma, definido em *A Terceira*, como o que vem do real, como irrupção de um elemento que surge do real e se opõe ao que está funcionando de uma determinada maneira, como aquilo que faz mancar. Assim, “a angústia é o sintoma por excelência de todo acontecimento do real” (Lacan, 1974, citado por Schejtman na p. 62). Sendo assim, ela funciona desencadeando, desestruturando, uma determinada organização subjetiva.

No sem. *RSI*, Lacan localiza a angústia no nó:

[ver figura da p. 63 do texto]

A angústia se localiza entre o real e o imaginário. A angústia se sente no corpo, no corpo imaginário, quando há uma invasão do real sobre o imaginário. Nesse sentido, a angústia emerge do real e é uma irrupção do real sobre o imaginário do corpo. A angústia-sintoma é essa que emerge do real e atormenta o corpo.

Segundo o autor, Lacan situa o ponto de desencadeamento no gozo do Outro, em $\mathcal{J}\bar{A}$. O gozo do Outro, inexistente, nada mais é que um vazio. Frente a esse “furo”, todas as estruturas são tentativas de dar consistência ao gozo do

Outro:- a neurose, pela via do fantasma; a perversão, pelo fazer-se instrumento do gozo do Outro; a psicose paranóica, identificando o gozo no lugar do Outro. Miller chama isso de “clínica universal do delírio”.

A angústia se manifesta, então, nesse ponto em que o sujeito se vê confrontado com a inconsistência do gozo do Outro. Nesse ponto, ela é desencadeamento, desordenamento.

[ver figura da p. 65 do texto original]

2ª) O autor localiza, ainda, a possibilidade de uma angústia-sinthome:- uma angústia que faz enlaçamento. Seria uma angústia que faz borda ao gozo do Outro, na medida em que pode fazer a amarração dos três registros. Angústia que funcionaria como uma formação de nomeação, como um Nome-do-Pai possível. Ele lembra que em *RSI* Lacan diz que os nomes-do-pai são: inibição, sintoma e angústia. Qualquer um desses três termos freudianos pode funcionar como *sinthome* amarrando os três registros.

O autor não desenvolve muito mais essa segunda possibilidade. A localiza no caso do pequeno Hans, destacando que o sintoma fóbico de Hans tem a função de *sinthome*; que o cavalo é um nome-do-pai que faz suplência e vem amarrar a estrutura, como faz o *sinthome*.

Cita como segundo exemplo, o testemunho de passe de Esthela Solano recortando pontualmente o relato da emergência de uma angústia inédita que emerge quando da nomeação como AE.

Fica portanto a questão:- O que seria essa angústia que encadeia, essa angústia- *sinthome*? Seria da ordem do analista produzi-la na direção de um tratamento?

Finalizando o texto, Schejtman nos brinda com uma precisão em relação à posição do analista frente à relação entre sintoma, *sinthome* e angústia, retomando uma afirmação de Lacan no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958). Reproduzo suas palavras:

“Além do pagamento com palavras e com sua pessoa, o psicanalista deve, no ato, formular um juízo a respeito do *sinthome*. Deve interrogar-se, a cada vez, se convém ou não pôr em questão a resposta que o sujeito deu a respeito de sua vida, ao real que a vida lhe lançou, a resposta *sinthomática*. Como Freud nos ensinou, o psicanalista deve respeitar essa solução. Em uma análise, temos de avaliar, caso a caso, que tipo de resposta um sintoma traz. Certamente, existem posições *sinthomáticas* que não convém perturbar. Um psicanalista deve poder examinar, a cada vez, se poderá oferecer a quem lhe consulta uma suplência *sinthomática* mais conveniente do que aquela que o sujeito mesmo conseguiu inventar. Aí se localiza precisamente a possibilidade do psicanalista- *sinthome*”. (p. 68)